

Número 6 - Año 4 (Noviembre 2014 - Octubre 2015)

Facultad de Ciencias de la Información

Universidad Complutense de Madrid

Artículo bajo la licencia *Creative Commons*

## Ciência da Comunicação no Brasil passa por crise de criatividade. É preciso valorizar a reflexão. Indicadores positivos não garantem qualidade

**Autor:** Fernanda Vasques Ferreira / Marcelli Alves

**Universidad / Institución / Centro:** Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Católica de Brasília (UCB) / Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

**Cargo:** Doutoranda da Faculdade de Comunicação da UnB e professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UCB / Doutoranda da Faculdade de Comunicação da UnB e professora assistente do curso de Comunicação da UFMA

**Páginas:** 29-33

**Descriptor:** Entrevista

**País:** Brasil

**Contacto:** fernanda.jornalista82@gmail.com / alves.marcelli@yahoo.com.br

### Resumen

Pedro David Russi Duarte es un investigador cuyas trabajos desarrollados constituyen matrices conceptuales para el pensamiento científico en la investigación en comunicación. Ha publicado libros cuyos títulos llaman la atención por la originalidad y la densidad de los objetos de investigación. Estos incluyen: la migración de Medios. Uruguay en el sur de Brasil (2010), Líderes de opinión en el ambiente de los medios de comunicación: una aproximación teórica en el campo de las Comunicaciones (2010) (co-autor); 100 años McLuhan (2013) (Eds.); Procesos semióticos en Comunicación (2013), entre otras. En su carrera como investigador y profesor, Russi da una advertencia con respecto a la forma en que la metodología de la investigación en comunicación se maneja como algo "meramente instrumental. Hace hincapié en la importancia de enseñar a los estudiantes a pensar la investigación sistémica, a partir de matrices conceptuales, mejorando procesos como la abducción de Peirce para que la investigación no se limite a reproducir lo que hay en el citado manual de metodología. En la entrevista, el investigador y docente destaca la importancia de la creatividad en el proceso de Musement, es decir, la inspiración que según Russi, es el ápice del potencial creativo de un sujeto para la producción de la ciencia.

**Palabras clave:** investigación, docencia, ciencia, comunicación

Pedro David Russi Duarte é uruguaio e naturalizado brasileiro. Licenciado em Ciências da Educação (pedagogia) pela Universidade Católica do Uruguai (UCUDAL), fez mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Unisinos, no Rio Grande do Sul e desde o ano de 2007 é professor adjunto da Universidade de Brasília – UnB. Pedro Russi é coordenador no Núcleo de Estudos de Semiótica em Comunicação (NESECOM) e na UnB, ele ministra a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Comunicação nos cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu*.

Dentre as pesquisas desenvolvidas pelo pesquisador estão Matrizes conceituais para o pensamento científico na pesquisa em Comunicação. Análise comparativa de dois paradigmas-propostas epistemológicos. A investigação conta com o apoio do CNPq e também da UnB. Russi já publicou livros cujos títulos chamam atenção pela originalidade e densidade dos objetos de investigação. Entre eles estão: Meios de comunicação na migração. Uruguaios no Sul do Brasil (2010), Líderes de Opinião no ambiente mediático: uma abordagem teórica no campo da Comunicação (2010) (Co-Autor); 100 anos McLuhan (2013) (Orgs.); Processos Semióticos em Comunicação (2013).

No seu percurso como pesquisador e professor, Russi faz um alerta em relação à forma com que a metodologia de pesquisa em comunicação é tratada na academia como algo “meramente instrumental”. Nesse sentido, o professor enfatiza a importância de ensinar o acadêmico a pensar de forma sistêmica a pesquisa, a partir de matrizes conceituais, valorizando processos como o da abdução peirceana para que a pesquisa não se limite a reproduzir o que está nos manuais ditos de metodologia.

Para isso, o pesquisador e professor reafirma a importância da criatividade no processo de abdução e recomenda que seja valorizado o pro-

cesso do musement, ou seja, o da inspiração que, segundo Russi, representa o ápice do potencial criativo de um sujeito para a produção da ciência.

**Pergunta - Qual a sua avaliação sobre a maneira como a disciplina de Metodologia de Pesquisa em Comunicação (Pescom) vem sendo proposta e ministrada nos cursos de graduação e pós-graduação no país?**

O ensino de metodologia é um tema que eu venho discutindo há muito tempo. Ou seja, eu me interesso em entender de que forma o pensamento científico vai se configurando, e então, um dos caminhos seria entender como está o ensino do tema no país. A partir de várias leituras, de averiguações dos currículos no âmbito da graduação e observando os programas de pós-graduação, além de conversas com outros professores de pós-graduação, tenho algumas percepções. O Brasil passou por um momento histórico no qual existiu uma preocupação pela formação metodológica, isso também é um pouco do resultado do processo da formação dos programas de pós-graduação no Brasil.

A maioria dos professores, que chamo de veteranos, formou-se no exterior, por falta da graduação específica no país. Esse pessoal retornou com matrizes e entendimento metodológicos frutos dessa formação e, conseqüentemente, trouxeram para o Brasil essas discussões. Na minha leitura, esse retorno interferiu na graduação que temos hoje. Outro fator que é válido ressaltar foi a redução de tempo para a conclusão do mestrado e doutorado (antes o tempo para o mestrado era de quatro anos e do doutorado de oito a seis). Com isso, perdeu-se em questões temporais um ponto importante que é a questão da leitura e do entendimento “do fazer” o processo de pesquisa, além da demanda metodológica.

Esses dois movimentos podem não ter relação com a disciplina de Metodologia e Pesquisa em Comunicação, porém, essas decisões reconfigu-

ram a forma de entendimento do processo de pesquisa. Outra questão são as opções bibliográficas, ou seja, a manualização da disciplina. Não se faz uma discussão sobre o pensamento metodológico da ciência, simplesmente são conhecidos instrumentos tendo como objetivo aplicar esses instrumentos em uma determinada pesquisa.

**Pergunta - O senhor acredita que a forma com que a disciplina Metodologia de Pesquisa em Comunicação vem sendo tratada na academia altera os resultados das investigações e diminuiu o valor das investigações?**

Atualmente, as pessoas ingressam no mestrado e doutorado muito jovens, tanto no sentido de idade quanto de conhecimento sobre pesquisa. Têm muitas escolas, de ensino fundamental e médio, que apresentam a matriz de cursinho, preocupando-se apenas em fazer o aluno passar no vestibular e não que ele tenha um incentivo ao pensar. Então, essa matriz instrumentalista está sendo reproduzida na graduação e pós-graduação chegando ao doutorado. Hoje é comum encontrarmos alunos que ingressam em um curso de mestrado e doutorado já pensando em qual instrumento vão utilizar em sua pesquisa. Não tem uma discussão. Comunicação é uma área que pouco se discute.

Eu vejo que tem sim uma manualização, uma instrumentalização da pesquisa. A pesquisa não está sendo observada como um processo de conhecimento e sim como um produto.

**Pergunta – Dessa forma, o senhor acredita que o valor da pesquisa está sendo alterado? E o que se torna mais importante no processo de aprendizado da pesquisa na academia?**

O processo de pesquisa está menos reflexivo e começa a deixar de ser científico, na minha leitura, e passa a ser mais reprodutivo voltado a uma questão utilitarista e imediata. Quase no ponto de “usar e jogar fora”. Ou seja, às vezes o pesquisador faz um questionário e não pensa

em quais perguntas devem ser utilizadas, apenas pensa que precisa aplicá-lo. E é comum o pesquisador não parar para pensar o motivo pelo qual optou pelo questionário e não um outro tipo de entrevista diferente. Mistura-se técnica, conceito, instrumento. Isso é uma falta de leitura, de conhecimento. Hoje em dia quase não se lê os textos metodológicos. Mas isso também é uma reprodução do que se aprendeu, ou seja, entrou-se em uma cadeia de instrumentalização da coisa. Estamos vivendo a perda da reflexão.

**Pergunta – Qual é o desenho que o senhor faz para essa disciplina na UnB, universidade a qual o senhor faz parte do quadro?**

Percebo, pela demanda dos estudantes, a necessidade de que se tenha a disciplina de Metodologia de Pesquisa em Comunicação em dois semestres, e não apenas em um, como é oferecida. Eu vejo essa disciplina muito isolada, o que é errado. Acredito que a disciplina deveria ser um incentivo ao pensar. O acadêmico não deve aprender a perguntar sobre comunicação apenas, mas sim entender de que lugar ele está perguntando. Essa é a questão. Caso contrário, estamos reproduzindo perguntas que são, simplesmente, perguntas modelo, passando a utilizar a Metodologia de Pesquisa como instrumento e técnica e não para o pensar.

**Pergunta – Isso seria na prática a definição daquilo que o senhor sempre fala que é “definir o seu lugar de fala”?**

É preciso definir e defender o lugar de fala. Isso é importantíssimo e está diretamente relacionado à aplicação da Metodologia de Pesquisa de forma correta. Alguns fatores ligados a isso me preocupam. Eu participei de uma reunião com o Departamento de Audiovisual e Publicidade (DAP) da UnB e na ocasião teve um grupo que apresentou a proposta de retirar do currículo a disciplina de Metodologia e Pesquisa em Comunicação e Teorias da Comunicação. A sugestão era que as mesmas deixassem de ser obrigatórias e passassem

a ser eletivas. Isso não foi aprovado. Ainda bem! Mas o fato de um grupo de professores pensar dessa forma já preocupa e muito.

Então, percebo que as coisas que eu coloco em discussão para os estudantes são coisas que vão na contra mão de uma lógica na qual se encontra hoje em dia a Faculdade de Comunicação. Sei disso, tanto é que teve um tempo em que os professores pediram, em uma reunião de colegiado, que eu não ministrasse mais a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Comunicação alegando que eu estava “provocando” muito os alunos. Dessa forma, fiquei dois anos sem ministrar a referida disciplina e depois disso, o próprio colegiado me pediu para voltar, pois, os estudantes estavam chegando no final para a orientação com base incipiente.

Ou seja, presenciei uma situação na qual uma disciplina foi tirada da grade de um professor sob a alegação que o mesmo “provocava” demasiadamente o pensar dos alunos ou oferecia aos estudantes mais elementos do que o próprio orientador. Isso foi muito complicado.

**Pergunta – A disciplina que ministra na UnB leva em conta uma diversidade de autores. Mas, Pierce e Da Vinci são recorrentes em seu plano de ensino. O que o leva a fazer essa seleção de autores dando foco a esses dois especificamente?**

Utilizo vários outros como “pano de fundo”, mas esses dois autores eu acredito que apostaram na potencialidade do pensamento e da criatividade. Eles apresentam o desafio de pensar coisas que podem parecer sem sentido. Eles trabalham a questão do lúdico retomando, de certa forma, matrizes que são da mais pura infância.

Pierce diz que “todos nós temos a potencialidade de pensar cientificamente pois pensar cientificamente não é fazer uma pesquisa científica e sim colocar perguntas diferentes”. Observando os autores que eu trabalho percebi que todos eles são

periféricos nenhum deles chegou ao triunfo no sentido acadêmico. Ambos deixam claro que em formatos diferentes todos temos a nossa potencialidade e a minha preocupação na disciplina é essa também, é o chamado a pensar. Pensar com a potência que cada um tem para pensar.

**Pergunta – No processo de investigação e construção da pesquisa, como o senhor definiria o musement?**

Esse é o conceito de Pierce. Ele criava palavras, termos e conceitos. musement é um termo, conceito, que não tem tradução. Musement não é o devaneio. Alguns textos em português trazem essa definição, mas não é devaneio. O musement está mais para o lado da meditação do que para o devaneio, é o ato de vivência de se deixar levar por esse momento criativo. Ele mesmo (Pierce) vai dizer “temos que navegar no barco do musement”, ou seja, quando você se deixa levar pela sua potencialidade de criação. É o momento em que Sherlock Holmes (personagem do cinema) fica sem falar com ninguém deixando que as coisas aconteçam. É o momento criativo em sua potência, o momento em que você diz “é isso mesmo!”. A questão do musement está relacionada à criatividade.

**Pergunta – Qual a sua avaliação sobre as barreiras enfrentadas pela ciência, em específico, na área de comunicação, no Brasil?**

A partir aproximadamente dos anos 60 e 70 é que a comunicação entra na Capes como área de conhecimento. Nesse sentido, é uma área que está se configurando no sentido histórico. Outra discussão é a questão epistemológica, item que vem das teorias da comunicação. A comunicação tem um problema pois ela surge do processo inverso de outras disciplinas, ela surge primeiro da profissão para a academia, e não ao contrário como é comum e isso marca muito a área. Quando se observa as outras áreas concluímos que a nossa área tem poucas reflexões.

**Pergunta – Considerando a América Latina, qual é o lugar do Brasil em termos de investigação na área da comunicação?**

O Brasil é um dos poucos países da América Latina, e do mundo, que oferece tanto apoio à pesquisa. Essa opção do Brasil pelo aperfeiçoamento e pela pesquisa, em específico as bolsas de graduação e pós-graduação, além dos afastamentos subsidiados dos professores das universidades públicas para aperfeiçoamento, é algo que se não é único é quase único no mundo. Isso é muito bom, mas entra um outro cenário que é a preocupação em formar doutores para termos números em destaque internacionalmente e não se tem muito a preocupação com a qualidade desses doutores. Hoje em dia o maior representante em congressos internacionais, em números, é do Brasil. Isso em função do incentivo que existe. Pois isso coloca também o Brasil em visibilidade. Eu não estou dizendo que não temos qualidade na pesquisa, de forma alguma, digo apenas que não podemos mensurar a qualidade apenas pelos números.

**Pergunta – Quais medidas ou posturas precisam ser tomadas para que a pesquisa se consolide e se fortaleça no país?**

Hoje em dia temos vários fatores que influenciam nos cursos, um deles é a massificação. Ou seja, temos a massificação da graduação, do mestrado e doutorado. Não podemos confundir massificação com democratização. A democratização está relacionada a garantia de todos que ao ingressarem na universidade sejam atendidos com serviços de qualidade, a massificação não.

Na massificação o acadêmico não tem a garantia que será atendido com qualidade, apenas terá facilidade de acesso. E é isso que está acontecendo no Brasil. Pensar em uma solução para isso é bem difícil, mas, ainda acredito que a preocupação excessiva com os números prejudica um pouco. Por exemplo, não é muito comum nos programas de pós-graduação o acompanhamento dos egressos.

Outra coisa, no Brasil o pesquisador tem que fazer “malabarismo” para poder comprar um livro (por conta do auto custo dos mesmos) e, muitas vezes, o pesquisador tem que propor um projeto de pesquisa com um tema que “está na moda” para conseguir financiamento e não de fato o que ele gostaria de pesquisar. E tem outros fatores.

Números são interessantes mas não representam de fato a qualidade da pesquisa. Precisamos discutir qual tipo de formação está se configurando no país.

**Pergunta - Os manuais de metodologia de pesquisa pautam as discussões na graduação e pós-graduação. Qual adaptação o seu sugeriria para essa situação?**

O problema não é o manual, mas sim, o lugar que se dá a ele na pesquisa. Não podemos deixar de concordar que o manual ajuda mas é complicado quando o manual se torna o elemento principal reduzindo as reflexões. Ou seja, a manualização da pesquisa, esse é o problema. Uma frase interessante diz “se a única coisa que eu tenho é o martelo tudo que fica na minha frente passa a ser um prego”, não me recordo o autor. E é bem isso, como o manual, quando passamos a ver todas as coisas de uma mesma forma.

**Referências**

DA VINCCI, Leonardo. Verdadeira Ciência. Experimento. A busca pelo verdadeiro conhecimento. In: Da Vincci por ele mesmo. SP. Madras, 2004.

FRONTRODONA, Joan (2001). La abducción o lógica de la sorpresa. In: Razon y Palabra, número 21, México. Disponível em: [http://www.unav.es/user.s/abducci\\_onrazonpal\\_abr\\_a.html](http://www.unav.es/user.s/abducci_onrazonpal_abr_a.html) Acesso em: 28 jun 2014.